A MATRIZ DO CARMO E SEUS VIGÁRIOS

Subsídios Para a História Eclesiástica do Ceará

EDMILSON PINHEIRO

INTRODUÇÃO

ORIGEM DA DEVOÇÃO À MÃE DE DEUS, SOB A INVOCAÇÃO DE NOSSA SENHORA DO CARMO

Reza a tradição que a devoção à Santíssima Virgem, Mãe de Deus, hoje divulgada por todo o orbe terrestre, sob a invocação de Nossa Senhora do Carmo, perde-se na voragem dos tempos.

O fato mais positivo desta manifestação religiosa vamos encontrá-lo pela primeira vez, nos meados do século XIII, aos 16 de julho de 1251, em Cambridge, na Inglaterra, quando São Simão Stoch, superior geral da Ordem dos Carmelitas, vendo seus irmãos de hábito alvo das mais violentas perseguições, recorreu, com uma fé inabalável, a Maria Santíssima, pedindo ardentemente a sua valiosa e maternal proteção.

Então, conta a história que a Mãe de Deus lhe apareceu radiante e bela, ditando-lhe afetuosamente estas palavras confortadoras: "Recebe, caro filho, êste escapulário que concedo à Ordem dos Carmelitas e a todos os confrades do Carmo. É um penhor de minha benevolência e especial proteção, um sinal de salvação, um amparo em todos os perigos, uma segurança de paz e aliança eterna. Todo aquêle que morrer, estando revestido dêste santo hábito, não sofrerá os suplícios eternos."

Com estas promessas extraordinárias da Virgem Maria a São Simão Stoch, a devoção do Santo Escapulário propagou-se ràpidamente por tôda a Europa, chegando até os palácios dos reis e dos nobres.

Mais tarde, em pleno século XIV, Nossa Senhora apareceu novamente ao Santo Papa João XXII, repetindo-lhe promessas mais confortadoras, sobretudo com relação à vida eterna: "Quando saírem dêste mundo e se dirigirem ao purgatório, eu, que sou sua Mãe, de boa vontade descerei, no sábado depois de sua morte, aos que estiverem nesse lugar de expiação e os levarei ao monte santo da vida eterna."

Em nossos dias, a invocação à Mãe de Deus, com o belíssimo epíteto de Nossa Senhora do Carmo, constitui uma devoção universal no seio da Igreja Católica.

INÍCIO DA DEVOÇAO À NOSSA SENHORA DO CARMO, NO CEARA

Sòmente nos meados do século XIX, a devoção a Nossa Senhora do Carmo foi divulgada intensamente, na Província do Ceará, pelo lazarista Pe. Pedro Augusto Chevalier, primeiro reitor do Seminário Arquiepiscopal de Fortaleza, o qual, vindo da Bahia, aqui aportou em boa hora, a 18 de novembro de 1864, para realizar uma notável obra evangelizadora, no setor da formação sacerdotal de nossa juventude cristã.

Coube-lhe a glória de difundir entre os fiéis o culto sagrado a Nossa Senhora do Carmo, tendo sobretudo dois piedosos seguidores, o Pe. João Dantas Ferreira Lima, então vigário da Matriz do Patrocínio e D. Antônia Francisca do Nascimento que, a partir de 1889, reunia, às primeiras quartas-feiras de cada mês, algumas pessoas piedosas para rezarem, com fé inabalável, o novenário de Nossa Senhora do Carmo, angariando ao mesmo tempo donativos para a construção duma igreja em homenagem à Mãe de Deus.

O Pe. João Dantas, sentindo o impulso da nova devoção a Maria Santíssima, no seio da população católica de Fortaleza, tomou a feliz iniciativa de propagá-la ardentemente entre os fiéis, rezando êle próprio a 1.ª Missa em louvor de Nossa Senhora do Carmo, no altar-mor da igreja do Patrocínio, na primeira quarta-feira do mês de março de 1890.

Realizou-se após o Santo Sacrifício uma reunião muito concorrida no corpo do referido templo, durante a qual ficou acertada, sob os aplausos unissonos dos presentes, a construção, na capital cearense, duma bela igreja, sob a invocação de Nossa Senhora do Carmo.

O reconhecimento canônico da nova associação religiosa sòmente foi obtido em 10 de setembro de 1891.

Mais tarde, porém, nos albores do século XX, por interferência direta de D. Joaquim José Vieira, então bispo diocesano do Ceará, a Confraria do Carmo foi transferida do Patrocínio para a atual igreja, por delegação do superior-geral dos carmelitas, em data de 28 de dezembro de 1908.

CONSTRUÇÃO DA MATRIZ DO CARMO

A atual igreja do Carmo sempre pertenceu à Virgem Mãe de Deus, sob dupla invocação de Nossa Senhora do Livramento (1850--1892) e de Nossa Senhora do Carmo (1892 até hoje).

Reza a história, confirmada pela tradição, que a primitiva capela consagrada a Nossa Senhora do Livramento foi iniciada em 1850, por uma irmandade de pardos, existente naquela época, na freguesia do Patrocínio.

A capela, construída lentamente e algumas vêzes reformada, não contava com o apoio decidido dos católicos e até de alguns sacerdotes, sob a alegativa de estar situada num local deserto, longe do centro da cidade.

Em 1870, foi confiada ao arquiteto português Antônio Francisco da Rosa, mestre Rosa, bisavô do historiador Renato Braga, a confecção duma nova planta, com aumento do frontispício e do corpo da capela, bem como a execução dos referidos trabalhos.

Mais tarde, numa sessão da Confraria dos Pardos, realizada aos 20 de julho de 1873, o mestre Rosa foi novamente autorizado a reparar os oitões da capela, que se encontrava meio arruinada por não ter sido ainda coberta.

Sòmente a 15 de março de 1874, o competente artista português começou a demolição e a reconstrução completa dos oitões arruinados.

Em 1879, tendo a Irmandade dos Pardos conseguido valioso auxílio do Govêrno da Província, contratou o conceituado arquiteto Dr. Adolfo Herbster para fazer uma planta mais ampla da igreja, quase no modêlo da atual.

Os trabalhos da construção continuaram em ritmo acelerado, graças ao auxílio do govêrno provincial, à grande quantidade de esmolas e materiais doados pelos fiéis e à competência e desvêlo duma comissão encarregada dos serviços, constituída do Dr. Adolfo Herbster, João Correia do Amaral, João da Costa Bastos e Antônio Rapôso.

Com o advento da terrível sêca de 1877, 1878 e 1879, não dispondo a Irmandade de Nossa Senhora do Livramento, apesar da ajuda dos flagelados, de meios para continuar os trabalhos, os serviços foram diminuindo pouco a pouco. A igreja, porém, ficou "em prêto", com as três naves e o consistório, tôda coberta, mas ainda sem a tôrre.

Por duas vêzes no decorrer de sua construção, a atual Igreja da Matriz do Carmo estêve ameaçada de destruição completa: a primeira, em 1890, por uma violenta tempestade, que rachou as paredes laterais do templo, e a segunda, em 1892, quando foi abalada por grandes formigueiros, que ameaçavam reduzi-la a um montão de ruinas.

Então D. Joaquim José Vieira, bispo da Diocese de Fortaleza, de comum acôrdo com os membros da Confraria do Livramento, já àquela época em decadência, resolveu transferi-la para a Associação de Nossa Senhora do Carmo, na pessoa do seu capelão e diretor, Pe. João Dantas Ferreira Lima, no dia 8 de setembro de 1892.

Entre os sacerdotes que exerceram a função de capelães da primitiva Capela do Livramento, pertencente à Confraria dos Pardos, destacaram-se sobretudo dois notáveis príncipes do episcopado brasileiro, D. Lino Deodato de Carvalho, bispo de São Paulo e D. José Lourenço, bispo do Amazonas.

TRANSFERÊNCIA DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO PARA A IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO CARMO

Abramos, porém, a cortina do passado e fixemos nesta homenagem profundamente humana, sentida e filial à Virgem Mãe de Deus, sob a doce invocação de Nossa Senhora do Carmo, o dia 8 de setembro de 1892.

Era papa reinante o Sumo Pontífice Leão XIII, que se imortalizou pela sua enciclica "Rerum Novarum"; bispo da diocese de Fortaleza, que abrangia àquela época todo o território cearense, D. Joaquim José Vieira; e vigário da freguesia do Patrocínio o cônego João Paula Barbosa.

Dirigia os destinos do Brasil, saído há pouco tempo do regime monárquico do venerando Pedro II, o pulso forte do Marechal Floriano Peixoto; o Ceará era governado pelo Coronel Bezerril Fontenele; Guilherme Rocha era o intendente de Fortaleza, cidade apenas com 36.000 habitantes, ainda, nos fins do século XIX, de pouca expressão política e social, econômica e cultural.

Em 8 de setembro de 1892, no mesmo local onde se encontra hoje a tradicional Praça do Carmo, àquele tempo apenas com algumas choupanas de palha, em pleno areal, cheia de frondosos cajueiros e mangueiras, ainda com uma pequena lagoa, entre a Avenida Duque de Caxias e a Rua Pedro I, a qual era alimentada por um córrego vindo da Praça do Ferreira, pela atual Major Facundo, realizou-se, às treze (13) horas, no corpo da igreja em construção, uma reunião de notável significado histórico.

A essa festa de cunho social e religioso, além de avultado número de cavalheiros e senhoras e de elementos do povo, como reza o 1.º Livro do Tombo da paróquia, compareceram especialmente D. Joaquim José Vieira, bispo diocesano de Fortaleza, Coronel Capelão João Cândido de Queiroz Passos, Coronel João da Rocha Moreira, Coronel Arcádio Lindolfo de Almeida Fortuna, Dr. Adolfo Herbster e o vigário da freguesia do Patrocínio, Cônego João Paula Barbosa que, perante tão seleta assistência, alegando não poder mais a Irmandade de Nossa Senhora do Livramento concluir a igreja reiniciada, nos idos de 1889, iria passar o templo em construção para a Irmandade de Nossa Senhora do Carmo, da qual era seu capelão e diretor o Pe. João Dantas Ferreira Lima, com a condição de concluí-lo, sendo o nôvo responsável gratificado mensalmente com quarenta mil réis.

I) CAPELAES DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO CARMO DA FREGUESIA DO PATROCÍNIO (8/9/1892 e 21/4/1915)

Vinte e três anos decorreram desde a entrega da Igreja de Nossa Senhora do Carmo ao Pe. João Dantas Ferreira Lima até a criação da paróquia, em 21/4/1915, por portaria do então bispo de Fortaleza, D. Manuel da Silva Gomes.

Neste período foram diretores da Irmandade e capelães efetivos da igreja do Carmo, além do sacerdote já citado, os Monsenhores Pedro Hermes Monteiro e José Gurgel do Amaral Barbosa.

1.º CAPELÃO: MONSENHOR JOÃO DANTAS FERREIRA LIMA

Nasceu em 31/1/1851, em Baturité, na localidade denominada Riachão da Lagoa Nova, hoje a cidade de Capistrano e faleceu em Fortaleza, aos 26 de outubro de 1946.

Coube-lhe a glória de ter sido o primeiro diretor da Irmandade e capelão da igreja de Nossa Senhora do Carmo, a qual foi determinada sòmente nos princípios de 1906, tendo sido benta, em tocante solenidade, pelo então bispo de Fortaleza, D. Joaquim José Vieira, no dia 23 de março do mesmo ano.

Há certos fatos históricos desta época que valem a pena de serem contados e que nos foram transmitidos pela estimada sobrinha do Pe. Dantas, Adélia Dantas, que viveu em sua companhia durante 47 anos.

O Pe. Dantas tinha encomendado a imagem de Nossa Senhora do Carmo, em Portugal. Chegando a efígie da santa a Fortaleza, êle foi avisado de que deveria pagar os direitos alfandegários, para que pudesse recebê-la, o que não fêz por esquecimento. Então a imagem foi a leilão, tendo sido arrematada pelo Sr. José Rossas que, procurado

pelo padre, negou-se a cedê-lá por qualquer preço, por ser ela muito linda e perfeita. Dias depois José Rossas adoeceu gravemente de paratifo e mandou sem demora que sua espôsa, D. Sara, procurasse o Pe. Dantas para entregar-lhe a imagem da Virgem Maria, sem qualquer indenização. E consta que o Sr. José Rossas não morreu do paratifo, àquela época doença gravíssima.

Monsenhor João Dantas foi um sacerdote que se tornou conhecido em Fortaleza pelo seu desprendimento quase completo dos bens terrenos, a tal ponto que viveu os últimos dias de sua preciosa existência em completa pobreza.

Inaugurada aos 25 de março de 1906, entre regozijo e festas, a igreja de Nossa Senhora do Carmo, com a bênção de D. Joaquim José Vieira, Monsenhor Dantas, capelão do referido templo católico há vários anos, achou que devia responsabilizar-se pessoalmente pela dívida de mais de vinte contos, muito dinheiro naquela época, empregados na conclusão e acabamento da matriz do Carmo.

Três meses após, relata ainda a sua sobrinha Adélia Dantas, Monsenhor João Dantas comprou um bilhete da Loteria do Ceará e saiu sorteado com o primeiro prêmio de cinqüenta contos, pagando com êste dinheiro a todos os credores da igreja do Carmo, especialmente aos Albanos, uma das famílias mais religiosas e ricas do Ceará, nos albores do século XX.

Monsenhor Dantas foi sempre um padre piedoso, culto e incansável nas obras de Deus e da Pátria, exercendo sempre posição de destaque durante a sua preciosa e longa existência. Comissário do Govêrno Imperial, na terrível sêca de 1877, nomeado pelo Presidente, Conselheiro Estelita. Capelão da Escola Militar do Ceará, em 1890, do 2.º Batalhão e do Arsenal de Guerra, no Rio de Janeiro. Nunca deixou de usar as suas insígnias de capelão militar, das quais muito se honrava. Dedicou-se também ao jornalismo, tendo colaborado no jornal da época "A Verdade".

Não era bom orador, mas excelente conselheiro e confessor, sendo um sacerdote piedoso e simples, popular e trabalhador, finalmente um levita de notável ação apostólica.

Morreu pobre dos bens terrenos, tendo sido sustentado nos últimos anos de sua proveitosa existência, com donativos angariados por D. Chiquinha Garcia (Francisca Moreira de Oliveira), entre os seus amigos e ex-paroquianos do Patrocínio.

2.º CAPELÃO: MONSENHOR PEDRO HERMES MONTEIRO

Estêve também à frente da Confraria e da Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Da importante família dos Monteiros, nasceu em Icó, aos 18 dias do mês de novembro do ano de 1871, tendo se ordenado

sacerdote, em Fortaleza, em 30/11/1893. Foi coadjuntor da Paróquia do Crato. Viveu alguns anos no Estado do Rio de Janeiro, chegando a ocupar a secretaria do bispado de Niterói e a reitoria do Seminário de Campos. Apaixonado pela música sacra publicou "A Arte do Canto Chão". No fim de sua vida sofreu até a morte das faculdades mentais.

3.º CAPELÃO: MONSENHOR JOSÉ GURGEL DO AMARAL BARBOSA

A tradicional cidade de Aracati foi o seu berço natal, tendo vindo ao mundo em 31/7/1845. Ordenou-se em Fortaleza no dia 21/9/1869.

Sacerdote possuidor de sólida cultura clássica, foi professor da antiga Escola Normal. Exerceu o seu apostolado como vigário de Jaguaruana, de Maranguape e da Sé, em Fortaleza. Vivendo alguns anos no Rio, foi cura da Capela Imperial e vigário da igreja de Candelária, gozando de notável prestígio, nas altas rodas da então capital do Brasil.

Foi o último diretor da Confraria e capelão da igreja de Nossa Senhora do Carmo, tendo no exercício destas funções, falecido de congestão cerebral.

Sacerdote inteligente, culto e excelente orador sacro. Quando era capelão do Carmo, D. Joaquim José Vieira consentiu que fôssem apresentadas "pastorinhas" dentro do corpo da igreja em construção, com o fim de angariar donativos para terminá-la. D. Maria Gurgel da Nóbrega, viúva do saudoso Dr. Luís Rolim da Nóbrega, tomou parte nas animadas pastorinhas daquela época, sendo hoje talvez a única paroquiana que já dançou e cantou músicas profanas, em nossa bela igreja de Nossa Senhora do Carmo.

Consta ainda que os padres Luís Bezerra da Rocha e José Joaquim da Rocha estiveram, embora que por pouco tempo, à frente da Irmandade e da igreja de Nossa Senhora do Carmo.

II) CRIAÇÃO DA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO CARMO — PRIMITIVOS LIMITES

Por Portaria de D. Manuel da Silva Gomes, bispo de Fortaleza, datada de 21/4/1915, foi criada, erigida e instituída a freguesia de Nossa Senhora do Carmo, desmembrada do curato da Sé e das freguesias de Nossa Senhora do Patrocínio e do Senhor Bom Jesus dos Aflitos de Parangaba, com os seguintes limites: "Com o curato da Sé, por uma linha reta, partindo do Alto da Balança, no ponto de interseção do divisor das águas com a estrada de Messejana, e por esta à Rua D. Pedro, seguindo pela mesma até a Rua Barão do Rio Branco;

com a freguesia de Nossa Senhora do Patrocínio, pela dita Rua D. Pedro, seguindo pela mesma até a Rua S. Teresa, continuando por esta até a Praça Paula Pessoa e atravessando-a em linha diagonal, seguindo pela estrada de Soure, até o ponto de interseção desta estrada com o córrego do Alagadiço Grande, na ponte do Machado; com a freguesia de Parangaba, sempre por uma linha reta, até encontrar as Damas, no oitão setentrional da casa do Dr. Joaquim Felício de Almeida e Castro e daí até o Alto da Balança, no ponto referido."

Durante os seus cinqüenta anos de preciosa existência, foram desmembradas partes da jurisdição territorial da freguesia do Carmo para formar as seguintes paróquias: São Geraldo, Nossa Senhora dos Remédios, Nossa Senhora de Nazaré, Nossa Senhora da Piedade, Jesus, Maria e José, Nossa Senhora das Dores e São Raimundo.

Nos seus cinqüenta (50) anos de constantes trabalhos a serviço de Deus e da Pátria, a Paróquia de Nossa Senhora do Carmo teve oito (8) vigários efetivos e dez (10) vigários coadjutores, ou substitutos, acontecendo que alguns dêstes estiveram à frente da paróquia mais de uma vez.

III) VIGÁRIOS E COADJUTORES DA PARÓQUIA DO CARMO — (21/4/915 — 21/4/965)

1.º VIGÁRIO: CÔNEGO HENRIQUE RAULINO MOURÃO

Nomeado por Portaria de 21/4/1915, o Cônego Mourão, como era conhecido, tomou posse como primeiro vigário da freguesia de Nossa Senhora do Carmo, no dia 25 de abril do mesmo ano, em brilhante solenidade presidida por D. Manuel da Silva Gomes, no mesmo dia em que foi instalada a nova paróquia.

Nascido em Jaguaribe aos 30/5/1865, o Cônego Mourão ordenou-se em Fortaleza, em 7/7/1889. Ingressou depois na Ordem dos Franciscanos Maiores, mas com a morte do pai foi obrigado a deixá-la para ajudar a família, que era muito pobre, tendo recebido a Carta de Excardinação, em 22/3/1899.

Foi também vigário de Uruburetama e de Maranguape e ainda professor emérito do Seminário de Fortaleza.

Fêz excelentes anotações no Livro do Tombo da freguesia do Carmo, transcrevendo circulares, avisos diocesanos e os fatos mais importantes do seu paroquiato. Sacerdote culto, sensato e trabalhador, estêve à frente da Paróquia do Carmo até 6/2/1921. Tanto falava como escrevia bem. Morreu pobre, tuberculoso, na Santa Casa de Misericórdia.

2.º VIGÁRIO: PADRE PLÁCIDO ALVES DE OLIVEIRA

Filho de Independência, nasceu em 5/10/1888, tendo se ordenado na Igreja da Prainha, em 30/11/1912. Foi vigário de Cachoeira do Riacho do Sangue, hoje Solonópole, minha terra natal. Tive a glória de ser batizado por êste piedoso levita do Senhor, em 17/6/1914.

Sacerdote modesto e simples, porém talentoso e culto, tornou-se excelente orador sacro, tendo pronunciado em 1919 uma belíssima conferência, por ocasião da inauguração do prédio vicentino, no Crato. Na região do Cariri foi pároco de Milagres e cura da Sé do Crato. Dirigiu por menos de um ano os destinos espirituais da igreja do Carmo.

De compleição franzina, foi acometido de tuberculose, tendo falecido resignadamente na capital do Cariri.

3.º VIGÁRIO: MONSENHOR ANTÔNIO TABOSA BRAGA

Itapipoca teve a glória de ser o seu berço natal, onde veio ao mundo em data de 19/12/1874, tendo falecido em Fortaleza, depois de longo e profícuo apostolado, aos 12 de abril de 1935. Segundo o testemunho pessoal do Sr. José Militão de Albuquerque, Monsenhor Tabosa ordenou-se em novembro de 1898, na capital da Paraíba, porque o Pe. Júlio Simon, então reitor do Seminário de Fortaleza, disse-lhe, quando êle cursava o primeiro ano de Filosofia, não ter êle vocação para o sacerdócio.

Com a renúncia do Pe. Plácido Alves de Oliveira, foi nomeado vigário da Matriz do Carmo, em 2/10/1921, tendo escolhido como seu coadjutor o conceituado Cônego José Alves Quinderé, que se tornou uma espécie de chefe de relações públicas da Matriz do Carmo, atraindo os ricos, os poderosos e os intelectuais para o convívio benfazejo da Religião de Cristo.

Monsenhor Tabosa foi um sacerdote completamente desprendido das cousas terrenas, portador de um acendrado zêlo apostólico, que muito o assemelhava a São Paulo. O seu paroquiato foi movimentadíssimo, pródigo mesmo de excelentes obras religiosas e sociais. Devotou um cuidado especial à catequese, mantendo com esmêro, durante a noite, o ensino religioso para os homens e as domésticas. Tinha uma devoção tôda especial ao SS. Sacramento, cujo triduo era a festa mais pomposa de sua igreja.

Espírito ardoroso e decidido, trabalhador e combativo, impôs-se como apóstolo da Boa Imprensa e da Ação Católica, sendo ainda um grande amigo e um defensor intemerato da juventude. Tornou-se célebre a sua frase: "Corromper a mocidade é ferir a Pátria em pleno coração." Jamais transigiu em questão de fé e de costumes e era duma sinceridade cortante, quando defendia, ardorosamente, os seus princípios democráticos e cristãos.

Foi diretor da União dos Moços Católicos, onde abordava, com decisão e entusiasmo, os mais palpitantes problemas sociais da época, combatendo de frente o Comunismo, que já procurava estender os tentáculos em terras brasileiras, sobretudo entre a juventude e a classe operária.

Como conferencista prendia, com as suas palavras candentes, o auditório, pelo brilho refulgente de suas idéias e pela convicção com que explanava os mais variados assuntos.

Foi um verdadeiro caixeiro-viajante do jornal católico "O Nordeste", pois saia constantemente pelos sertões cearenses angariando assinaturas, o que explica o motivo por que durante o seu paroquiato foi ali substituido por Frei Casimiro O.F.M., pelo Pe. Pedro Vermeuller e pelo seu grande amigo Monsenhor João Alfredo Furtado, os quais sentiam dificuldades em manter acesa a sarça ardente de sua vida apostólica.

Educador nato, foi responsável pela formação intelectual de respeitáveis vultos da História do Ceará, como o Senador Meneses Pimentel, o Dr. Antônio Pimentel e o Professor Otávio Farias.

As Vocações Sacerdotais constituíram uma das metas mais visadas do seu ardente apostolado.

Apesar do seu zêlo absorvente por tantas obras espirituais, ainda achou tempo de fazer algumas reformas no corpo da igreja do Carmo, sendo responsável pela abertura das arcadas laterais do referido templo.

A Santa Sé, reconhecendo a grandeza de sua vida devotada à Religião de Cristo, o agraciou com o título de Protonotário Apostólico, em 1934. Ocupou também o cargo de vigário-geral da Arquidiocese de Fortaleza.

Tão grande era o seu ardor evangélico que pediu, contra a vontade de D. Manuel da Silva Gomes, a sua exoneração de pároco do Carmo, para dedicar-se, como dizia êle na petição, "exclusivamente às obras religiosas e sociais".

Reza a história e a tradição que o Monsenhor Antônio Tabosa Braga foi, sem dúvida, o maior levita do Senhor, na Terra da Luz, nos últimos cinqüenta anos da vida religiosa de nosso povo.

Maior do que êle sòmente o egrégio apóstolo sobralense Pe. José Antônio de Maria Ibiapina que, ao têrmo de 30 anos de missionário no Ceará, na Paraíba, no Rio Grande do Norte, no Piauí e em Pernambuco, veio a falecer aos 76 anos, com tôdas as marcas de santidade.

MONSENHOR JOSÉ ALVES QUINDERÉ, VIGÁRIO COADJUTOR DA IGREJA DO CARMO, NO PAROQUIATO DO MONS. TABOSA

Seria injustiça imperdoável não ressaltar, embora em ligeiras pinceladas, a personalidade inconfundível do estimadíssimo e popular

Mons. José Quinderé, que, no paroquiato do Mons. Tabosa, foi vigário coadjutor da Matriz do Carmo.

Nasceu em Maranguape em 1/1/1882, tendo se ordenado, bem môço ainda, na igreja da Prainha, no dia 30 de novembro de 1904.

Portador de uma inteligência lúcida, de uma lhaneza de trato e de uma verve adorável, era conhecido em todo o Ceará, até no Sul do País, gozando de notável prestígio, não só nas altas camadas sociais, mas também no seio do povo.

Tão elevado foi o seu conceito entre os seus superiores hierárquicos que foi secretário particular de D. Joaquim José Vieira, D. Manoel Lopes e D. Manuel da Silva Gomes.

Em 1919, acompanhou o arcebispo de Fortaleza ao Rio e a São Paulo, tendo conseguido substanciosos auxílios para os flagelados cearenses.

Ao lado do Cônego Climério Chaves e do Pe. Doutor Misael Gomes, fundou o conceituado Colégio Cearense, hoje sob a profícua orientação dos Irmãos Maristas, notáveis educadores.

Foi deputado estadual em duas legislaturas, tendo exercido uma vez a presidência da Assembléia do Ceará.

Catedrático da Cadeira de Latim do tradicional Liceu do Ceará, onde era estimadíssimo por seus colegas e alunos. Escreveu por vários anos na imprensa de Fortaleza e publicou alguns livros de cunho histórico e litúrgico, destacando-se entre êles a biografia de D. Joaquim José Vieira.

Foi secretário-geral do arcebispado de Fortaleza e durante nove anos coadjutor da Paróquia do Carmo, completando pela sua ação benfazeja a obra apostólica do Mons. Tabosa Braga.

Monsenhor Quinderé tinha o dom invejável de pregar a Religião brincando... sorrindo... com os pés atolados nesta terra impura, mas com sua alma de criança sempre voltada para a amplidão azulada do infinito.

4.º VIGÁRIO: MONSENHOR JOSÉ DE LIMA FERREIRA

Filho de Aracati, onde nasceu em 1/8/1886, tendo se ordenado sacerdote em Fortaleza, aos 25/4/1909.

Exerceu o paroquiato em Ipueiras, Pacoti, finalmente na Matriz do Carmo, de 1.º de março de 1930 a 27 de dezembro de 1935. Foi ainda secretário do Bispado de Sobral.

De aparência simples, era contudo um sacerdote culto, trabalhador e zeloso.

Musicista e comediógrafo, dedicou-se ainda ao jornalismo, tendo sido fundador e redator do jornal católico "Correio da Semana", de Sobral, e redator do conceituado jornal "A Cruz", no Rio de Janeiro.

Foi capelão do Hospital Central do Exército e do Hospital Guinle, na Cidade Maravilhosa.

Tomou parte na peregrinação brasileira ao Congresso Eucarístico realizado em Budapest.

No seu paroquiato foram comemoradas antecipadamente, no dia 25 de março de 1951, as bodas de prata da criação da Paróquia de Nossa Senhora do Carmo.

Foi pregador dessa brilhante solenidade o Mons. Antônio Tabosa Braga.

5.º VIGÁRIO: CÔNEGO AURELIANO MOTA

Filho de Pedra Branca, ingressou bem môço ainda no Seminário de Fortaleza, tendo se transferido depois para a Universidade Gregoriana de Roma, onde se doutorou em Direito Canônico, em 2/11/1907, regressando em dezembro do mesmo ano ao Ceará.

Sisudo e meio desconfiado, era contudo uma alma boa e simples, sempre voltada para os magnos problemas do espírito humano.

Festejado conferencista e excelente orador sacro, seguia as pegadas do notável tribuno francês Gibier. Seus sermões, às dez horas, na missa do Carmo, eram ouvidos pela fina flor da intelectualidade fortalezense, inclusive pelos agnósticos. Sua preocupação máxima era a doutrinação evangélica e o estudo aprofundado dos problemas sociais, descurando-se muito da parte material da vida.

Seus coadjutores, o Pe. Francisco Hélio Campos, o sacerdote-operário, atualmente vigário da Paróquia de Nossa Senhora das Graças, no Pirambu, e o Pe. Amarílio Rodrigues, professor catedrático do Colégio Estadual Justiniano de Serpa e pároco da freguesia da Paz, na Aldeota, cuidavam com desvêlo das associações religiosas e das obras sociais da Matriz do Carmo.

No seu vigariato, D. Antônio de Almeida Lustosa tomou posse como arcebispo metropolitano de Fortaleza, em 5/11/1941.

O Padre Pedro Koning, sacramentino de S. Benedito, substituiu Mons. Aureliano Mota por duas vêzes. A primeira, quando êle foi ao Rio, em tratamento de saúde, e a segunda logo após a sua morte, em 12/9/1941.

Acho-me profundamente ligado à memória dêste insigne sacerdote, pois foi êle quem me uniu pelos sagrados laços do matrimônio à minha dileta espôsa, Maria Oneida Pontes Pinheiro, em 6/9/1940.

6.º VIGÁRIO: PADRE EXPEDITO EDUARDO DE OLIVEIRA

Filho de Pacatuba, onde nasceu a 8 de janeiro de 1910. Tornou-se sacerdote de Cristo, na Igreja da Prainha, aos 30/11/1933. Foi cura

da igreja do Mucuripe, vigário de S. Gerardo e finalmente pároco da Matriz do Carmo, onde exerceu o mais amplo e proveitoso apostolado, dando notável incremento às associações religiosas. A Cruzadinha era a menina dos seus olhos.

Trabalhador incansável, modesto e piedoso, era conhecido no seu tempo como "a violeta do clero cearense", por seu acendrado espírito de pureza.

Foi um dos fundadores do Colégio Fortaleza e da Associação dos Professôres Católicos do Ceará.

Em linguagem escorreita, fêz excelentes anotações no Livro do Tombo da Paróquia do Carmo.

Teve, por pouco tempo, o Pe. José Hélio Ramos como seu vigário cooperador, o qual foi substituído mais tarde pelo Pe. Moacir Fernandes, nomeado em 1/5/1944, depois de ter exercido o paroquiato em Jaguaribe, Pedra Branca, Senador Pompeu e Mombaça.

Hoje, D. Expedito de Oliveira, à frente do bispado de Patos, na Paraíba, é, sem dúvida, um notável evangelizador dos sertões nordestinos.

7.º VIGÁRIO: MONSENHOR JOSÉ GASPAR DE OLIVEIRA

Filho de Quixeramobim, nasceu em 8 de dezembro de 1905, no dia consagrado à Virgem da Conceição, tendo se tornado ministro de Cristo em 15/8/1931, dia de Nossa Senhora da Assunção.

Vigário de Jaguaretama, Solonópole, Boa Viagem, Pacatuba e finalmente um dos mais zelosos párocos da Matriz de Nossa Senhora do Carmo, de 14/9/1948 a 16/7/1964.

Simples e humilde por natureza e mais ainda por virtude, devotou-se, com decidido zêlo evangélico, às causas de Deus, dando impulso notável à catequese e às associações pias.

O ponto mais alto do seu paroquiato foi o cuidado, a dedicação e o carinho que sempre devotou aos doentes e moribundos de sua paróquia, os quais eram por êle visitados quase que diàriamente, para levar-lhes a mancheias o confôrto espiritual da Religião de Cristo.

Foi o vigário das primeiras Sextas-Feiras, às quais acorria grande número de fiéis. Pregava as sublimes lições evangélicas com ardor convincente.

Tipo consumado do asceta, tanto no corpo como no espírito, não se descuidou todavia da reforma material da igreja que lhe foi confiada, reconstruindo-lhe as naves laterais, mudando-lhe o piso e reformando a altar-mor da Virgem Mãe de Deus.

Suas bodas de prata sacerdotais, a 15/8/1956, foram celebradas com regozijo incomum por parte de seu numeroso rebanho espiritual, que lhe tributou com justiça as mais merecidas homenagens. No seu

paroquiato, com a renúncia de D. Antônio de Almeida Lustosa, tomou posse, com grandes festividades, em 8/9/63, D. José de Medeiros Delgado, nôvo arcebispo da Arquidiocese de Fortaleza.

Durante a sua viagem à Europa foi substituído na paróquia pelo Padre sacramentino Pedro Koning.

O Pe. Moacir Fernandes, como excelente Cirineu, foi seu vigário cooperador, ajudando-o sobretudo nos ofícios religiosos.

Sentindo-se cansado, pediu o seu afastamento da Matriz do Carmo, mas o seu nome respeitável e a sua obra evangélica continuam bem vivas nos corações agradecidos dos seus ex-paroquianos.

Anotou com um cuidado exemplar todos os acontecimentos importantes da Paróquia do Carmo, no Livro do Tombo.

8.º VIGÁRIO: PADRE PEDRO VITORINO DANTAS

Foi indicado para substituir o Mons. José Gaspar de Oliveira o Pe. Pedro Vitorino Dantas, que nasceu em Guanacés, a 18/1/1915. O atual vigário do Carmo ordenou-se na Igreja da Prainha, no dia 3 de novembro de 1941. Durante um ano serviu como secretário particular de D. Antônio de Almeida Lustosa, que, reconhecendo-lhe as suas qualidades peregrinas de pastor de almas, o designou sucessivamente para vigário de Boa Viagem, Amontada, Redenção e finalmente da Matriz do Carmo, em 16 de julho de 1964.

Foi também diretor do Artesanato São José, em Guaramiranga, durante um ano.

Coube-lhe a glória de introduzir na Paróquia do Carmo a Reforma Litúrgica, inspirada no II Concílio do Vaticano, a qual deu mais vivência aos atos religiosos da Igreja, sobretudo com a tradução da Santa Missa para a língua portuguêsa, rezada pelos fiéis conjuntamente com o sacerdote.

Introduziu, com certa resistência por parte das confrarias religiosas, o espírito de comunidade na vida espiritual da paróquia, o qual consiste sobretudo no entrosamento, na compreensão e na ajuda mútua entre as diversas associações pias, como era usado pelos Apóstolos, nos princípios do Cristianismo.

Reorganizou a catequese paroquial, introduzindo o sistema das equipes. Foi o primeiro vigário do Carmo a usar o *clergyman*, facilitando assim o seu apostolado no meio laico.

O Pe. Moacir Fernandes continuou como seu coadjutor a prestar relevantes serviços à causa de Deus.

Atualmente, a Paróquia do Carmo conta com 11 associações religiosas, que prestam relevantes serviços à ação apostólica do seu vigário.

Coube ao Pe. Pedro Vitorino Dantas a glória de comemorar, com um programa tão bem organizado e de uma maneira tão condigna, as bodas de ouro da instalação desta paróquia, consagrada, numa hora feliz, a Nossa Senhora do Carmo, a Virgem Mãe de Deus.

21 de abril de 1965. Nesta data tão significativa para a Igreja e para a Pátria, o clero e as autoridades, os fiéis e o povo comemoram condignamente, entre hosanas e festas, as bodas de ouro da criação desta conceituada Paróquia de Nossa Senhora do Carmo.

Mergulhando na penumbra de um passado já distante, perquirindo e buscando, buscando e perquirindo, com justeza e seriedade, na poeira dos alfarrábios, ou na voz titubetante da tradição oral, fiz desfilar, embora pàlidamente, as figuras respeitáveis de párocos, coadjutores e seus substitutos nesta Matriz do Carmo, verdadeiros apóstolos redivivos, que, à frente desta Betânia do Senhor, souberam manter bem acesa, através dos tempos, a fagulha crepitante da Fé, acalentadora de nossos ancestrais e norteadora dos destinos cristãos e democráticos de um povo nascido sob o lábaro bendito da Cruz de Cristo.